



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

### QUANDO O PÚLPITO VIRA PALANQUE

**Marcos Roberto Inhauser**

Em uma certa cidade do estado de São Paulo, no último domingo, aconteceu uma coisa que, não fosse pela seriedade das fontes que a relataram, não acreditaria nunca. Um político travestido de pastor subiu ao púlpito para pregar vestindo a camiseta de campanha de seu hierarca eclesiástico, candidato a deputado. Este mesmo pastor (sic), em uma outra ocasião, teve a desfaçatez (ou coragem, sei lá) de afirmar em uma reunião de pastores que nunca havia estudado em seminário e que de teologia não entendia nada. Para os que o ouviam ficou a clara impressão de que era alguém que usava a condição de religioso para angariar votos e eleger-se para um cargo que lhe assegura renda mensal e certo espaço político para os interesses de sua facção religiosa.

Não bastassem a associação imoral da pregação com a campanha política e da transformação do púlpito em palanque, com declarações explícitas de apoio à candidatura do hierarca, tropeçou nos fundamentos bíblicos e éticos. Preferiu usar o sagrado espaço do culto e da exposição da Palavra para verberar suas amarguras e frustrações políticas e contaminar seus fiéis, no desejo maquiavélico de eleger um dos seus e assegurar seu projeto político.

Segundo este, em uma de suas profetadas, no prazo de dois anos (o Senhor lhe havia revelado), ele e seu grupo assumiriam o governo daquela cidade. Aí, sim, o justo governaria e o povo não mais gemeria sob a mão do opressor.

Conheço este tipo de messianismo. Estive várias vezes no Chile durante o reinado messiânico do Pinochet que se acreditava um enviado de Deus para resgatar o seu povo. Estive na Guatemala durante o governo do pentecostal Rios Mont, período que teve a maior crueldade praticada pelas forças militares. Enquanto o presidente orava na televisão pelo povo, seus comandados matavam indígenas na região do Petén. Outra vez estive na Guatemala para avaliar a questão dos Direitos Humanos durante o governo do segundo messias que se afirmava evangélico, Jorge Serrano Elias. Acabou promovendo um autogolpe frustrado e se refugiou no Panamá, carregando acusações de desvio de verbas milionárias. Estive como membro de uma comissão no Peru durante o Fuji-choque, para avaliar os estragos que este messias salvador da pátria havia feito com o apoio do Câmbio-90, de conformação evangélica. Tive reuniões com um dos vice-presidentes, pastor batista, que me confessou sua desilusão com os atos de alguém que ele cria ser bem-intencionado. Acabou renunciando à vice-presidência em poucos meses.

Há uma coisa comum entre todos estes: usaram da religião para se eleger. Eles se apresentaram como justos e salvadores da pátria, começaram pedindo assessores para participar na base de sustentação do governo e cobraram 10% de comissão nos negócios que faziam, mesmo que fosse uma ambulância para o povo. Todos transformaram o púlpito em palanque e deram no que deram. Se não sabem respeitar o sagrado, como esperar que respeitem a vontade popular e o erário?